

**15027 - Feira agroecológica: qual o lugar da soberania na sua estratégia?
Um estudo de caso sobre a Feira Agroecológica de Mossoró (FAM)**

*Agroecological fair: what is the place of sovereignty in its strategy? The case of the
Agroecological Fair of Mossoró (FAM)*

MAIA, Zildénice Matias Guedes¹; ARAÚJO, Joaquim Pinheiro de²; SERAFIM, Nayara
Katrinyne Pinheiro³; IGOR, Mendonça Viana⁴; JÚNIOR, Francisco Araújo da Silva⁵

1 UFERSA, zildenice@hotmail.com; 2 UFERSA, joaquim_rn@ufersa.edu.br; 3 UFERSA,
naykatrynne@hotmail.com; 4 UFERSA, igormendoncaviana@hotmail.com;
5 UFERSA, franciscoaraujo.22@hotmail.com

Resumo: Este trabalho teve como objetivo analisar de que modo a dimensão da soberania alimentar, incluindo o autoconsumo, é uma dimensão relevante para as famílias envolvidas com a Feira Agroecológica de Mossoró (FAM) existente nessa cidade há mais de seis anos. A soberania alimentar, quando priorizada, tem um efeito virtuoso tanto em relação à transição da agricultura convencional para uma de base ecológica como também para proposta da prática da economia solidária. Como metodologia utilizou-se estudo de caso. Foram realizadas visitas aos locais produtivos e a feira, além de entrevistas semiestruturadas com os produtores feirantes. Diante dos resultados, pode-se inferir que embora a FAM apresente ter evoluído desde o seu surgimento, é possível perceber que há alguns entraves que impedem seu desenvolvimento, sobretudo em meio a presença de concepções originárias das práticas convencionais, o que resulta por inibir a dimensão da soberania alimentar na estratégia do grupo.

Palavras-chave: Soberania Alimentar, Agroecologia, Feira Agroecológica

Abstract: This study aims to examine how the dimension of food sovereignty, including self-consumption, is a relevant dimension for families involved with the Fair Agroecological of Mossoró (FAM) that exists in this city for over six years. Food sovereignty when prioritized virtuous has an effect both in relation to the transition from conventional agriculture for a basic proposal for ecological as well as the practice of solidarity economy. The methodology used is a case study for analysis of FAM. Visits were made and semi-structured interviews with the vendors. The results, even showing some progress, were unsatisfactory and considered shy and development continues to occur slowly, amid the presence of concepts originating from conventional practices, which ends by inhibiting dimension of food sovereignty in the group's strategy.

Keywords: Food Sovereignty, Agroecology, Agroecologic fair

Introdução

Os sistemas tradicionais da agricultura familiar estão sendo constantemente pressionados pela extrema homogeneização induzida pelo avanço da modernização capitalista de produção de alimentos. Em contrapartida a essa tendência, o campesinato continua tendo, na biodiversidade e na policultura, suas principais fontes de trabalho, que, antes de qualquer consciência ecológica, são muito mais uma manifestação dos seus interesses em garantir a oferta suficiente para o auto-abastecimento das suas famílias. Como em primeiro plano, a dimensão da soberania alimentar na estratégia produtiva se justifica em virtude da preocupação com a alimentação familiar, da comunidade e do entorno territorial onde ela está inserida. Essa opção, termina por potencializar o processo de transição produtiva de

monocultivos para policulturas, já que para atender a cultura alimentar tradicional, assim como uma boa dieta, provindos da produção, exige uma diversidade de produtos que tende a contribuir para diversificação da produção.

Essa perspectiva também impacta positivamente as atividades de comercialização, já que com uma produção diversificada e ancorada nos alimentos tradicionais locais, oferta uma diversidade de alimentos para as localidades e proximidades desses processos produtivos.

Portanto, parte da hipótese que a consolidação da Feira de Agroecologia de Mossoró em uma perspectiva de transição agroecológica passa por uma compreensão dos seus protagonistas, os agricultores-feirantes, em fortalecer a ação e preocupação com a alimentação familiar e de suas comunidades.

Whitaker (2008) esclarece que a discussão sobre soberania alimentar está na ordem do dia, pois não basta se preocupar apenas com o aspecto da segurança alimentar de acesso à alimentação para todos os setores da sociedade. É necessário dar um passo à frente, no intuito da autonomia e independência, que as populações locais possam produzir o que desejam e necessitam consumir, baseado fundamentalmente nos seus recursos naturais e tecnológicos, iniciando pelo controle das sementes. Nesse sentido, a exemplo do que acontece em Mossoró e entorno, o processo de reforma agrária, que vem pontilhando o País com milhares de pequenos lotes, pode muito contribuir para o avanço de práticas referenciadas na soberania alimentar. Ao contrário da monotonia das monoculturas em vastas extensões territoriais, graças aos assentamentos, já se pode perceber “a formação de mosaicos diversificados, próprios da agricultura camponesa com suas hortas, pomares, criações e cultivos variados” (WHITAKER, 2008, p. 326).

Para Carvalho (2002), o segmento da agricultura familiar camponesa tem enfrentado dificuldades para a sua reprodução social. Isso se dá pelo processo de modernização da agricultura e da dinâmica da acumulação do capital na sua fase neoliberal. A sua tese é que, para essas famílias, é melhor continuar buscando mudanças nem sempre fáceis, mas factíveis na unidade familiar, a partir do desenvolvimento de uma consciência crítica, do que vivenciar as incertezas das grandes metrópoles. Para tanto, é necessário que elas readquiram novas esperanças e uma nova utopia, que reafirme sua identidade social camponesa, o que não “significa voltar à comunidade pré-capitalista, mas seguir outros referenciais de resistência ativa à exclusão social e a superação do modelo econômico vigente” (CARVALHO, 2002, p. 04).

Diante disso, pensar a resistência à exclusão e as possibilidades para a sua superação, Carvalho (2002) vai se apoiar na obra do Castells O Poder da Identidade, para elaborar uma proposta que ele define como “Comunidade de resistência e de superação”. A comunidade em questão não é aquela calcada no parentesco ou vizinhança, onde as interações sociais face a face na vida cotidiana permite identificar hábitos de vida que implicam em padrões comuns de comportamento social, mas aquela surgida a partir da sociedade em Rede e nas sociedades globais que impõem padrões comuns e, ao mesmo tempo, propicia reações locais que nascem marcadas pela ampliação da comunicação e pelas novas práticas sociais.

Para Castells (1999), a constituição de sujeitos da transformação social toma um rumo diferente do conhecido durante a modernidade, baseado na sociedade civil e no movimento trabalhista. Na sociedade atual com funcionamento em rede, a identidade de projeto origina-se da resistência comunal. O que articula a Rede não é uma conexão formal como a internet e instituições, mas o sentimento de pertencimento a uma mesma comunidade e movimento social, cimentado por uma identidade de resistência ativa e de superação, que significa a construção da identidade de projeto, do local para o universal contra o capitalismo contemporâneo.

Nessa perspectiva, Carvalho (2002) afirma que as práticas de consumo da população camponesa tem uma relação direta com sua identidade, pois, quando torna-se idêntico aos dos segmentos dos centros urbanos, referenciados a partir da indução das propagandas dos meios de comunicação com um consumo integralmente monetarizado, contribui para esfacelar sua cultura camponesa que produz parte importante da sua subsistência, para uma outra, de consumidor e excluído em que tudo que consome é adquirido via mercado, geralmente com recursos de políticas compensatórias.

Para se contrapor a esse processo, desenha uma estratégia possível em que o fundamental é avançar na perspectiva da soberania alimentar como o direito mais amplo de produzir uma alimentação de qualidade, respeitando a cultura das comunidades, em harmonia com o meio ambiente. Para isso, ela precisa ser trabalhada tanto a montante como a jusante da produção. O objetivo será uma maior diversificação da produção e um crescente processo de substituição de importação de insumos produtivos e gêneros alimentícios.

Essa mudança tende a refletir na concepção de mundo, ou seja, relacionando com o funcionamento da sociedade contemporânea, fortemente determinada pelos interesses das grandes corporações transnacionais. Dessa forma, essa reflexão e mudança de atitude, priorizando a soberania alimentar, facilitam a compreensão das causas que determinam o processo de exclusão social e a crise de identidade dos camponeses.

Essa análise acima, relacionando-o com o nosso objeto de estudo, a dimensão da soberania alimentar na Feira Agroecológica de Mossoró, ilustra com perfeição o que se tornou marginalizado e ausente nas estratégias de políticas para a agricultura, desde o advento do processo de “modernização” a partir do paradigma da revolução verde.

Mesmo em um grupo crítico à agricultura convencional e aberto para a perspectiva agroecológica, inclusive se identificando enquanto integrantes desse processo, continuam em parte, reproduzindo um dos pilares da lógica que buscam refutar: uma agricultura integralmente voltada para o mercado, secundarizando o aspecto da produção de alimentos para o autoconsumo e a alimentação local.

Metodologia

A presente pesquisa foi realizada na cidade Mossoró-RN, situada na Região Oeste do Estado. As áreas rurais foram o Assentamento Jurema, Assentamento Santa Elza e a Comunidade Rural Serra Mossoró. Trata-se de uma pesquisa com uma metodologia essencialmente qualitativa de análise. A inserção em campo foi feita através de visitas *in loco* aos para entender sua dinâmica e entrevistas

semiestruturadas com os agricultores/feirantes abordando todo o processo e incorporando toda a cadeia, desde os desafios da transição agroecológica, passando pelo processamento e comercialização e consumo, para refletir a respeito da relação entre o que produzem e sua relação com a dimensão da soberania alimentar.

Resultados e discussões

Os produtos comercializados em sua maior parcela são: hortaliças, verduras, frutas regionais, carne de ovinos, caprinos e galinha caipira. Os membros participantes são originários da zona rural da cidade, advindos de assentamentos e comunidades localizados em seu entorno.

Desta forma procuramos analisar o que define o processo produtivo e o lugar da dimensão da soberania alimentar na definição e estratégia da produção das famílias envolvidas com a Feira Agroecológica de Mossoró. Percebeu-se uma diversidade de situações. Abaixo, citamos àquelas que se achou mais relevante:

- Existe a incorporação de produtos que até há pouco tempo as famílias não os conheciam. Mas, por ser comercializável e preço favorável, ou como eles afirmam “tem uma boa saída”, começaram a plantar e paulatinamente foram introduzindo na dieta alimentar;
- Já outras famílias, continuam plantando alguns produtos apenas para comercialização. O exemplo da rúcula ilustra bem esses dois casos. Alguns disseram que consomem essa verdura com muita frequência, enquanto outros afirmaram que nunca consomem, inclusive, acham “fedorento”(termo usado para dizer que não se gosta do cheiro do alimento).

Durante a construção desse trabalho, notou-se uma série de limites, para avançarem na autonomia do processo produtivo, fundamental para a perspectiva da soberania alimentar, refletindo também na quantidade e diversidade dos produtos oferecidos na feira. As dificuldades vão desde a aquisição das sementes, pois ainda, na sua maioria, continuam sendo compradas, passando pelo manejo das práticas da agricultura ecológicas e insuficiente integração entre plantio e criação em que um potencialize o outro e que possa dar mais alternativas de produtos de origem animal e vegetal.

Foi percebido que os protagonistas dessa feira ainda não conseguiram entrelaçar satisfatoriamente as dimensões da soberania alimentar, da transição para uma agricultura de base ecológica e a comercialização baseada nos princípios da economia solidária. Consideramos que esse enlace pode se constituir como um tripé essencial para o fortalecimento e consolidação dessa iniciativa.

As novidades dessa feira precisam ser observadas para além da escala quantitativa do que estão produzindo e comercializando. O seu formato tem elementos muito distintos do modelo convencional que prevalece, pois aqui os agricultores são sujeitos do processo. Por isso, têm muitas possibilidades de avanço, em comparação ao estágio atual. Percebeu-se que essas famílias estão empolgadas e abertas aos desafios a partir de suas participações em espaço de formação e intercâmbios.

Sem desconsiderar os diversos limites e obstáculos, é possível perceber que os brotos da transição para esse grupo já podem ser vistos. Se eles vão vingar dependerão de muitos fatores, tais como, desses sujeitos ganharem mais adeptos para se tornarem também sujeitos. Dessa forma, ganhariam mais força para sensibilizar segmentos da sociedade e capacidade de pressão, para que as variadas políticas públicas para agricultura familiar camponesa saltassem do papel e se efetivassem na vida real. Pois, durante a realização dessa pesquisa, foi percebido uma prioridade para a produção voltados exclusivamente para geração de renda, sem nenhuma relação com a perspectiva da soberania alimentar.

Salienta-se que observando a história da feira, mesmo ainda presente, essa lógica era muito mais forte quando comparado com a situação atual. Pois, a participação dos integrantes dessa feira em atividades de discussão e formação sobre agroecologia e economia solidária no Estado estão contribuindo para eles relativizarem o objetivo único de produção para o mercado e incorporarem a concepção da soberania como algo essencial e razão de continuarem fazendo agricultura.

Conclusões

O grupo da feira tem mostrado uma evolução na perspectiva da agroecologia, através da participação em atividades ao longo de sua existência, porém, a concepção da sua formação, a partir da lógica de produção exclusiva para o mercado, permanece como obstáculo e desafio para que a dimensão da soberania, vista nesse trabalho como essencial para a sustentabilidade da proposta agroecológica, se enraíze nas estratégias do grupo.

Os resultados, mesmo que mostrando alguma evolução, foram pouco satisfatórios e considerados tímidos e o seu desenvolvimento continua ocorrendo de forma lenta, em meio à presença de concepções originárias das práticas convencionais, o que termina por inibir a dimensão da soberania alimentar na estratégia das famílias que constroem a Feira Agroecológica de Mossoró.

Referências bibliográficas:

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. A era da informação: econômica, sociedade e cultura; Vol. 02. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

CARVALHO, Horacio M. **Comunidade de resistência e de superação**. Curitiba, 2002. (Mimeo).

WHITAKER, D. Soberania alimentar e assentamento de reforma agrária. In: FERRANTE, Vera L. B.; WHITAKER, Dulce C. A. (Org.) **Reforma agrária e desenvolvimento: desafios e rumos da política de assentamentos rurais**. São Paulo: Uniará[co-editor], 2008.